

facial: Este nariz é longo e estreito. Não há prognatismo sub-nasal. Testut aproxima esta raça quaternária do esquimó actual; Martin, qualifica-a de mongoloide. O certo é que muitos elementos culturais do nosso pleistoceno encontram-se na civilização dos povos antigos actuais, europeus, asiáticos e americanos.

Em definitiva, as três raças do pleistoceno superior na Europa ocidental entram sem dificuldade na espécie que se denominou *Homo sapiens*, a que o homem actual pertence. A partir da aurora do pleistoceno superior entramos na humanidade moderna, e já nos encontramos em presença do seu polimorfismo desconcertante.

Tal é o balanço sumário dos nossos conhecimentos sobre o homem pre-histórico europeu. Que se pode daqui tirar sob o ponto de vista da origem e da evolução humana?

*

O *Homo neanderthalensis* constitue a chave da abóbada de tódas as reconstituições tentadas, não só porque é o primeiro ser humano nitidamente diferente do homem actual, como também porque é o que melhor conhecemos.

O estudo dêste fóssil revela-nos a extraordinária homogeneidade do seu tipo étnico, e a diferença profunda que existe entre êle e os que imediatamente lhe sucederam. Por tóda a parte onde foi descoberto, o homem do pleistoceno médio não nos mostra uma evolução sensível que se manifeste por variações notáveis do esqueleto; é sempre semelhante a si mesmo. Por outro lado, zoológicamente, o *Homo neanderthalensis*, pela sua homogeneidade, opõe-se ao *Homo sapiens*, cujo polimorfismo é tão grande. Não menos notável é a ausência de intermediários morfológicos; não há uma ligação morfológica admissível entre os dois tipos que possa ser posta em evidência. O mesmo diremos das sobrevivências esporádicas do tipo de Néanderthal assinaladas entre as populações modernas. O *Homo rhodesiensis* é uma sobrevivência indiscutível do *Homo neanderthalensis*: aproxima-se-lhe extraordinariamente e exagera mesmo a grosseria de forma e a bestialidade de aspecto; tinha no entanto adquirido a atitude vertical perfeita, que o homem do pleistoceno médio ainda não realizara completamente. O *Homo rhodesiensis* prova

que o *Homo neanderthalensis* sobreviveu muito tempo na Africa, no meio das populações negras actuais. Mas não é menos verdade que há um hiatus morfológico entre êste homem e o *Homo sapiens* pré-histórico ou actual, hiatus morfológico que coincide com um hiatus cultural. O *Homo neanderthalensis* tinha uma indústria rudimentar, nenhuma tendência estética; o homem do pleistoceno superior possuía utensílios variados, trabalhava habilmente a pedra, o chifre, o osso, eram extraordinários artistas na escultura, gravura, desenho e pintura.

Para admitir uma filiação entre os diferentes tipos humanos do pleistoceno superior e o homem de Neanderthal, seria necessário supor que no fim do pleistoceno médio se produziu uma mutação que bruscamente transformou o *Homo neanderthalensis* no *Homo sapiens* (1).

E' mais simples admitir que o homem do pleistoceno superior e o actual não derivam directamente do *Homo neanderthalensis*, que representaria uma linhagem divergente do género *Homo* que se extinguiu na Europa antes da era actual com uma sobrevivência mais longa na Africa, enquanto o *Homo sapiens* representaria outra linhagem, que ainda não nos foi dado seguir no pleistoceno médio.

As descobertas de Piltdown e de Heidelberg veem apoiar a hipótese. A maxila do *Homo heidelbergensis*, diferindo da do *Homo neanderthalensis*, não apresenta, no entanto, diferenças essenciais; Boule diz mesmo que se podia adaptá-la ao crâneo da Chapelle-aux-Saints (do pleistoceno inferior) sem mudar-lhe sensivelmente o aspecto geral; podemos pois ver no *Homo heidelbergensis*, do pleistoceno inferior, a forma ancestral do *Homo neanderthalensis* (do pleistoceno médio).

O *Eoanthropus Dawsoni* (de Piltdown, pleistoceno inferior), com o seu crâneo hu-

(1) A espécie humana pode apresentar mutações, como as outras espécies. O homem não parece ser o produto duma só mutação, mas duma série de mutações independentes. Uma mutação no crâneo pode não ser acompanhada duma mutação na maxila, o que permite compreender a coexistência, no homem de Piltdown, dum crâneo humano e duma maxila simiana. Uma mutação pode ter dado aos dentes um carácter humano, sem que a mandíbula se tenha modificado, o que explicaria a dentição humana da maxila pitecoide de Mauer (Guyénot).